

A TEORIA PSICODRAMÁTICA E O DESENVOLVIMENTO DO PAPEL PROFISSIONAL

Tânia Fator
Doutora em Psicologia Social

As intervenções psicodramáticas praticadas em organizações empresariais seguem as sistematizações criadas por Moreno na elaboração do projeto socionômico (sociometria e psicodrama), que reforçam a importância de se trabalhar dentro do campo dos papéis profissionais, pois eles fazem parte do cotidiano das pessoas e, enquanto tal são o lugar da alienação social mas também da superação dessa alienação. É nessa tensão entre a alienação e a sua superação que a intervenção psicodramática propõe-se a buscar melhoria para a qualidade de resposta no trabalho, através da melhoria na qualidade de vida do trabalhador.

1. REFERENCIAL TEÓRICO MORENIANO

1.1 Breve histórico

Jacob Levy Moreno (1889-1974), o criador do Psicodrama, era de família judia, originária da península ibérica, radicada na Romênia. Ele tinha cinco anos de idade quando sua família fixou-se em Viena, onde mais tarde estudou Filosofia e Medicina. Desde muito cedo, Moreno dedicou-se a trabalhos experimentais, utilizando o teatro como metodologia e, discutindo problemas sociais com grupos de pessoas.

Em 1921, fundou o "stegreiftheater" (teatro da espontaneidade) cujo objetivo era desenvolver a capacidade criadora e a espontaneidade do ser humano. Em 1923, ele descobriu a ação terapêutica da dramatização, fundando o teatro terapêutico. Em 1925, emigrou para os EUA, onde criou a psicoterapia de grupo, a sociometria e o psicodrama público. Em 1934, Moreno publicou "Who shall survive?", sua obra mais importante, reeditada em 1953 com o título "Fundamentos de la sociometria", em Buenos Aires. Em 1942, fundou o Instituto Moreno de New York e a Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Daí para frente houve uma expansão mundial de suas teorias, para as quais criou um projeto amplo chamado de "Projeto Socionômico".

1.2. O projeto socionômico

Segundo Moreno, para compreender-se o significado da palavra Socionomia, é necessário desmembrá-la em "sócio" - derivado do latim "socius", cujo significado é companheiro: e, "nomia" - derivado do grego "nomus", que significa regra, lei, aquilo que regula. Assim, etimologicamente, o conceito carrega o sentido da própria definição que Moreno lhe dá como sistema teórico-prático: as leis do desenvolvimento social e das relações sociais. Com a Socionomia, Moreno pretendia verificar como a interrelação indivíduo-grupo se realizava, se cristalizava ou se transformava na realidade

concreta, a partir de como era vivenciada por cada indivíduo no grupo. Para isto, a Socionomia foi sistematizada em três partes: a sociometria, a sociodinâmica e a sociatria, de forma que a investigação e o investigador fossem ativos e dinâmicos, participando e, se envolvendo com o fenômeno a ser conhecido.

Moreno descobriu que há um processo catártico no psicodrama e que o princípio comum produtor da catarse é a espontaneidade. Para ele, a catarse pode ser entendida como a movimentação télica existente entre dois ou mais indivíduos, quer dizer, aqueles conteúdos que estavam afastados da consciência, a partir da ação psicodramática vêm à tona e possibilitam a clareza de possibilidades existenciais para os participantes da sessão, quer seja individual ou em grupo. A catarse é a visão e a viabilidade do novo, quer seja no nível somático, mental, individual ou grupal. Ela é esta integração que possibilita a formação da identidade ou sua rematrização e é propiciada pela representação de papéis de maneira espontânea criadora.

1.3. A espontaneidade

A espontaneidade para Moreno é um fenômeno primário e positivo, ou seja, não é derivado de nenhum outro impulso. A espontaneidade é definida como: a resposta do indivíduo a uma nova situação, ou uma nova resposta a uma situação antiga, de modo adequado. "Deve-se atentar para o termo **adequado** que está aqui, nem com o sentido de adaptado e nem de ajustado, mas sim de integrado. Dar respostas de um modo integrado significa perceber claramente a si mesmo e a situação no aqui-agora, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios." (VIEIRA,1992,p.)

A espontaneidade, segundo as pesquisas morenianas, amplia o estado de consciência dos indivíduos, levando-os a um estado de co-consciente grupal, que só é possível a partir de relações télicas. Moreno propõe que com a espontaneidade todos os fenômenos psíquicos são novos e flexíveis, porque ela lhes confere a qualidade de momentaneidade. Mesmo reconhecendo a possibilidade de estruturas psíquicas estereotipadas, ele aponta a fluidez repetida do "**fator e**", o que leva à existência criadora. "Por outras palavras, é devido à operação de um fator 'e' que pode ter lugar uma mudança na situação e que uma novidade é percebida pelo sujeito. Uma teoria do momento é inseparável de uma teoria da espontaneidade. Numa teoria do comportamento e da motivação humanos, o lugar central deve ser dado à espontaneidade."(MORENO,1990,p.61)

É dessa maneira que acontece a emergência de um protagonista que, naquele momento, manifesta o contexto psicodramático. Ele, protagonista, "traz a mente para fora", objetivando-a na dramatização, de tal forma que, os componentes subjetivos tornam-se diretamente visíveis, observáveis e mensuráveis. A partir dessa objetivação é que se dá a ressubjetivação, ou seja, a reintegração psicodinâmica. A dramatização possibilita uma realidade tangível, onde o psicodramatista possa participar, a fim de junto com o protagonista possibilitar o encontro.

O caráter transformador da ação espontânea é o que garante ao indivíduo a sua condição de criador, ou seja, é o que permite as modificações na sua relação com o mundo. O ato criador é antagônico à conserva cultural. Ele acontece no momento presente, no durante, e não no produto acabado. Ao preferir valorizar a obra acabada, o Homem esquece de observar as mudanças

que ocorreram em si mesmo durante o processo de criação. Nas palavras de Moreno: "O homem primitivo viveu e criou no momento mas logo que os momentos de criação passaram, ele mostrou-se muito mais fascinado pelo resultado dos atos criadores pretéritos: sua cuidadosa conservação e avaliação do seu valor, do que pela manutenção e continuação dos processos da própria criação. Pareceu-lhe ser um estágio mais elevado de cultura desprezar o momento, sua incerteza e desamparo e empenhar-se em obter conteúdos, proceder à sua seleção e idolatrá-los, lançando assim os alicerces de um novo tipo de civilização, **a civilização da conserva.**"(MORENO,1974,p.43)

Nesta filosofia do ato criador não há lugar para a diferença entre consciente e inconsciente, já que "o inconsciente é um reservatório continuamente enchido e esvaziado pelos 'indivíduos criadores'. Foi criado por eles e portanto, pode ser desfeito e substituído. Assim podemos encontrar cinco características no ato criador: a espontaneidade, a sensação de surpresa ou de inesperado, a irrealidade, o atuar sui-generis e, a consubstanciação mimética. O agente criador encontra seu ponto de partida no estado de espontaneidade, que é uma entidade psicológica independente. Além disso, o 'estado' não surge automaticamente: não é preexistente. É produzido por um ato de vontade. Surge espontaneamente. Não é criado pela vontade consciente, que atua freqüentemente como barreira inibitória, mas por uma libertação que, de fato, é o livre surgimento da espontaneidade ." (MORENO, 1974, p. 86)

Quanto à gênese da espontaneidade, Moreno é favorável à idéia de que ela é um fator psicológico, ou como ele nomeia: o fator 'e' não é, estritamente, um fator hereditário nem, estritamente um fator ambiental. "No atual estado das pesquisas biogenéticas e sociais, parece ser mais estimulante supor que, no âmbito da expressão individual, existe uma área independente entre a hereditariedade e o meio ambiente, influenciada mas não determinada pela hereditariedade (genes) e as forças sociais (tele). O fator 'e' teria a sua localização topográfica nessa área. É uma área de relativa liberdade e independência das determinações biológicas e sociais, uma área em que são formados novos atos combinatórios e permutações, escolhas e decisões, e da qual surge a inventiva e a criatividade humanas."(MORENO, 1974, p.101) Entretanto, deve-se aqui fazer uma pontuação: a espontaneidade não é em si uma energia, não fica armazenada no indivíduo ou em algum reservatório inconsciente. A espontaneidade é variável dentre os indivíduos e dentre as situações do momento. Ela funciona como um catalisador psicológico. Para as situações novas, o indivíduo recorre à sua espontaneidade, dosando a quantidade necessária e adequada para a situação vivida. "A espontaneidade só funciona no momento de seu surgimento, assim como, falando metaforicamente, se acende uma luz numa sala e todas as suas partes se tornam claras. Quando se apaga a luz, a estrutura básica da sala continua sendo a mesma e, no entanto, desapareceu uma qualidade fundamental." (MORENO, 1974, p.136)

Assim entendida, a espontaneidade surge no próprio ato do nascimento, quando para responder a uma situação nova (o parto) o bebê busca respostas novas e adequadas, porque sem elas é provável que não sobreviva. Daí para frente, o desenvolvimento da espontaneidade estará ligado ao desenvolvimento da criança, que se dá a partir de dois importantes processos: o

desenvolvimento da matriz de identidade através do desenvolvimento de seus papéis.

1.4 A teoria de papéis

Os papéis são, segundo Moreno, os embriões e os precursores do “eu”, porque há neles um esforço para se agruparem, integrando-se em uma unidade existencial. Eles estão presentes desde o nascimento e, segundo Moreno, surgem antes da linguagem, pois as matrizes de ação são anteriores às matrizes verbais. Estes papéis carregam consigo as regras sociais, características e peculiaridades próprias da cultura em que se estruturam. Moreno considera que o homem encontra-se dividido entre os desejos de sua pessoa privada e a dimensão social dos papéis que desempenha no cotidiano. “O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (MORENO, 1990, p.27)

Segundo ele, os indivíduos têm três tipos fundamentais de papéis: os psicossomáticos, os sociais e os psicodramáticos. Nos primeiros, há a formatação biológica dos contatos sensoriais entre a criança e seu mundo, até a constituição de um eu parcial fisiológico, responsável pelas relações com o corpo. Os papéis sociais se encarregam da reprodução da cultura em que o indivíduo está inserido, o que dá forma à cultura, constituindo um eu parcial social, responsável pelas relações com a sociedade; e, somente nos últimos, nos psicodramáticos, é possível a utilização consciente da espontaneidade e da criatividade, constituindo um eu parcial psicodramático, responsável pelas relações com a psique. A contínua interação entre os papéis e sua integração através de vínculos operacionais vai proporcionar a emergência de um eu inteiro, integrado em “eu e mim”.¹

O que precisa ser reafirmado é que esse processo de desenvolvimento de um “eu” não se dá individualmente, pois não há como os papéis serem desempenhados sem seus contra-papéis, dessa forma, os papéis complementares são de fundamental importância na constituição da identidade humana. Mas essa constituição não assegura a permanência, pois as pessoas desenvolvem muitos papéis e muitos contra-papéis, que ficam em contínua interação, possibilitando, em última instância, momentos de identidade. Essa constante aprendizagem de novos papéis é possível através da constante interação entre o eu e suas circunstâncias, passando por um processo que vai desde o ensaio do novo papel, seu desempenho, a percepção que se tem dele até a representação propriamente dita. Essas etapas que são nomeadas pelo psicodrama de: role-taking, role-playing e role-creating, acontecem para quase todos os novos papéis. Para aqueles que não passam pelas três etapas, há a consideração de uma atuação de papel e não de sua representação verdadeira.

A atuação de papel acontece por falta de espontaneidade criadora, ou por que o indivíduo está em um “campo tenso”, ou seja, vivenciando uma situação ameaçadora, ou por que sua espontaneidade está em um estado patológico, distorcendo suas percepções, dissociando a representação dos papéis-contrapapéis e interferindo na integração do eu. Como os papéis são unidades de ação tangíveis, eles podem ser medidos pela sociometria e classificados segundo suas qualidades: papel rudimentar, papel normal, papel

¹ Correspondente, mas não igual, ao ego psicanalítico.

hiperdesenvolvido, papel ausente, papel pervertido etc. Assim, em psicodrama os comportamentos regressivos são considerados patologias do papel e necessitam de tratamento através da psiquiatria.

2. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Moreno considera a criança como um gênio em potencial, que nasce como um bebê despreparado para o mundo externo e por isso necessita de ajuda, pois sai de um mundo parasitário para um mundo de iniciativas, que requer logo de início o primeiro ato de espontaneidade criadora. O parto, nessa forma de conceber o homem, não pode ser um fato traumático, como dizem outros psicólogos; sair do útero materno é um ato espontâneo, realizado para sair de um contexto que já não atende mais as necessidades desse ser que está nascendo.

Para ele identidade e personalidade são diferentes, mas a identidade é que vai ser alvo de sua atenção maior. Mesmo assim, ele explica: “a personalidade pode ser definida como uma função de genes, espontaneidade, tele e meio” (MORENO,1984,p.102)

2.1. A matriz de identidade

No pressuposto moreniano, a identidade é formada durante um processo de desenvolvimento evolutivo humano que tem sua fundação na matriz de identidade. Este conceito de “matriz” é um dos pilares na obra moreniana. Com ele Moreno quer estabelecer a idéia de que há um universo fundante de interrelações que dá origem às qualidades humanas. Não é apenas uma forma modeladora mas, um espaço virtual onde há uma possibilidade de concepção existencial, um locus e um status nascendi. Esse conceito possibilita a Moreno estabelecer um processo evolutivo humano a partir das vinculações psicossociais humanas, ou seja, há mais de uma matriz :a materna, a de identidade, a familiar, a social e a sociométrica, que em vez de irem se substituindo durante o processo de desenvolvimento humano, vão se integrando umas às outras, sem contudo desaparecerem. Esse processo evolutivo é possível através da representação dos papéis. Assim, as ações humanas (papéis) são caracterizadas pelas interrelações (vínculos) presentes em cada uma e todas as matrizes humanas.

Encontramos em Menegazzo a explicação dessa postura teórica: “Para Moreno, essas idéias transcendem a preocupação de apenas esboçar um modelo evolutivo operacional para a atividade psicodramática. Vão muito além, inclusive, de seus novos achados clínicos. Essa concepção de matriz é uma das idéias capitais de seu pensamento e se projeta como elemento fundamental da cosmovisão totalizante de seu próprio mundo pessoal.” E ainda nos esclarece que : “Isso permite compreender por que a antropologia moreniana concebe o homem com um ser fundamentalmente vincular e, como tal, em suas múltiplas formas de se vincular, como um ser complexo e misto. É esta concepção antropológica que permite a Moreno superar as taxonomias psicopatológicas. A proposta terapêutica de Moreno é, essencialmente, apresentar no cenário psicodramático um locus nascendi e um status nascendi resolutivo, ou seja, uma nova matriz reestruturadora.” (MENEGAZZO,1995,p.125)

Segundo Moreno, após o nascimento, a criança passa da matriz materna, que é existencial e não experimentada, para a matriz de identidade, que se dá em duas fases complementares.

Há, em princípio, um eu latente, metapsicológico que vai se constituindo durante a evolução da matriz de identidade. Isto se dá através dos papéis psicossomáticos, que são os embriões precursores do eu, pois há nesses papéis um esforço para se agruparem, se unificarem através dos vínculos que vão se fazendo.

I - Fase da identidade total ou unidade

Na primeira fase, chamada de primeiro universo, onde através da interação (arranques físicos) desenvolvem-se os papéis psicossomáticos, há dois tempos : o período da identidade total, quando a matriz é designada de caótica e indiferenciada, onde não é percebido nenhum tipo de diferenciação entre o ser e o mundo, onde só há o presente, a proximidade e a “fome de atos”, e onde não há nenhum sonho (pelo menos como os concebemos no senso comum) e, nem mesmo diferenciação entre fantasia e realidade.

No segundo tempo do primeiro universo, a matriz é designada de identidade total e diferenciada, ou de realidade total. Aqui, já começam os sonhos e as primeiras diferenciações entre o ser e o mundo (eu-tu) e já há a presença da tele-sensibilidade. Quando a criança se reconhece ela cria a brecha e separa a fantasia da realidade.

II - Matriz de identidade da brecha entre fantasia e realidade

Esse segundo universo, ou matriz familiar, é a fase de se usar a experiência (arranques mentais) de estabelecer diferenças para se conseguir a inversão de papéis. Aqui os papéis psicossomáticos dão sustentação aos papéis originários (pai-mãe-filho), que serão transformados em papéis sociais, relacionados aos atos de realidade e papéis psicodramáticos, relacionados aos atos de fantasia, pois a partir das diferenciações entre o eu e o tu, a criança vai ficando possibilitada de reconhecer suas necessidades e os papéis complementares com os quais irá interagir, a fim de satisfazê-las. Também diminui a “fome de atos” e tem início a “fome de transformação”.

Após alguns estudos, Moreno sistematiza a formação da identidade, em três etapas de desenvolvimento:

1. **indiferenciação**, é a busca da identidade, ou a identidade com o próprio cosmo, já que não há limites entre o eu e o mundo e a criança é um micro-universo dentro de um macro-cosmo, que vive apenas o momento, corresponde à técnica do duplo, que é a função da mãe. Segundo o psicodrama, o homem vive em função desta fase. Sua saúde é conseguida na medida em que ele recupera esta fase para fazer o movimento para a última etapa, é onde o indivíduo vai para a possibilidade do “encontro”, para a saúde. O movimento contrário, de retroação, é para a doença.

2. **reconhecimento do eu**, é a busca da identificação, é o movimento para chegar ao “eu sou eu” , que corresponde à técnica do espelho, pois como fantasia e realidade ainda se misturam, através do solilóquio a criança se reconhece no espelho. Vale lembrar que em psicodrama, identidade e identificação são diferentes. A identificação é o movimento de se assemelhar aos outros, e só acontece depois da identidade formada. O reconhecimento do eu só se dá a partir da diferenciação do tu.

3. **reconhecimento do tu**, que corresponde à técnica da inversão de papéis, pois só é possível conhecer o outro, colocando-se no lugar dele. É

aqui que pode aparecer as relações téticas e/ou transferenciais, porque as pessoas podem perceber a si e aos outros, ou então, transferir sentimentos de uma relação do passado para uma relação presente (papel complementar patológico, por relação transferencial).

2.2. Matriz de identidade grupal

Há outro psicodramatista, muito importante no movimento psicodramático de hoje, que realizou uma revisão da teoria sobre matriz de identidade moreniana e a atualizou para nossos tempos. Fonseca sistematizou o desenvolvimento da matriz de identidade em sete etapas e, acrescentou a essa teoria que o desenvolvimento da matriz de identidade grupal, que segundo ele, também segue esse mesmo processo evolutivo.

Com relação ao conceito de grupo, pode-se perceber que essas designações têm sua investigação iniciada, após a primeira guerra mundial, principalmente com Kurt Lewin, com seus fundamentos sobre Dinâmica de Grupo. Moreno também começou a se interessar pelo assunto na mesma época e elaborou os fundamentos da Sociometria, onde pode conceituar o **grupo** como uma área de integração de um certo número de pessoas, que através de seus vínculos interrelacionados estruturam-se e organizam-se em função de seus propósitos sociais e afetivos. Segundo Moreno, esse estado de grupo mantém uma “interpsique”, que engloba suas tele-relações e seus estados co-conscientes e co-inconscientes. “ Os estados co-conscientes e co-inconscientes são, por definição, aqueles que os participantes experimentaram e produziram conjuntamente e que, por conseguinte, só podem ser reproduzidos ou representados em conjunto.” (MORENO, 1990, p.31)

As etapas de desenvolvimento da matriz de identidade grupal então ficaram com essa seqüência:

1. indiferenciação
2. simbiose
3. reconhecimento do eu e reconhecimento do tu
4. corredor
5. pré-inversão de papel
6. triangulação/ circularização
7. inversão de papéis

Todo grupo inicia seu desenvolvimento a partir da etapa de indiferenciação, onde os participantes estão apenas se aquecendo para os atos espontâneos, necessitando de técnicas de aquecimento físico para entrar em ação. A simbiose acontece com as partes psicológicas não desenvolvidas nos participantes do grupo, há uma mistura entre o eu e o tu. Nesta etapa, o ego-auxiliar tem a função de guia para retratar papéis, a fim de tranquilizar a ansiedade; senão a dependência que há nesta etapa leva à consequência da idealização, com uma visão parcial de si e do outro, regredindo as pessoas para sentimentos radicais de “tudo ou nada”, “amor ou ódio”, etc.

A etapa de reconhecimento do eu e do tu corresponde à de mesmo nome na teoria de Moreno. As etapas seguintes são etapas de evolução de relação somente em par (eu e tu) para, relações em três (eu-tu-ele) e com mais de três ao mesmo tempo (nós). A última etapa de inversão de papéis corresponde à de mesmo nome na teoria de Moreno.

“Essa matriz sofre uma evolução e durante este processo evolutivo a criança (ou o grupo) vai sendo envolvida no emaranhado da rede de papéis

sociais. O percurso da matriz é retomado a cada novo papel que o indivíduo desenvolve e, ao fazê-lo utiliza-se da experiência adquirida na aquisição de outros papéis semelhantes (efeito cacho). Dessa forma, a matriz de identidade evolui até uma matriz social, onde há mais independência e autonomia, sem contudo ser abandonada. Ao contrário, a matriz de identidade fica internalizada, dando o tônus télico e/ou transferencial aos seus futuros átomos sociais.” (VIEIRA,1992,p.)

Por átomo social podemos entender o entrelaçamento de vínculos pessoais, reais ou imaginários, percebido pelo indivíduo como mais próximo, ou seja, como afinidades recíprocas entre pessoas e/ou coisas. Essas interrelações são mutáveis, têm muitos níveis de preferências e, podem ter determinações sócio-econômicas e/ou aproximações afetivas (fator tele); ou melhor dito por Moreno : “ átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento” (MORENO,1988, p.).

3. A EXPANSIVIDADE AFETIVA

Como Moreno define a tele como “a menor unidade de afeto transmitida de um indivíduo a outro em sentido duplo” , podemos supor que afetividade e sensibilidade são termos utilizados igualmente por ele, e que estão diretamente relacionados com o fator tele.

Por tele, pode-se entender a capacidade de se perceber, de forma subjetiva, o que ocorre nas situações e o que se passa entre as pessoas (é uma empatia bilateral), ou ainda, é um conjunto de processos perceptivos, uma tele-sensibilidade. Ao contrário , a transferência é a patologia do fator tele, ou seja, é a causa de distorções ou equívocos nas relações interpessoais. Neste caso, não há possibilidade de ocorrer o "encontro", pois ele é essencialmente a experiência da relação télica (percepção mútua profunda). Segundo Menegazzo “ o fenômeno tele manifesta-se na vincularidade grupal como energia de **atração, rejeição e indiferença**, e evidencia uma permanente atividade de comunicação co-inconsciente e co-consciente. Ele possibilita aos seres humanos - vinculados em constelações afetivas mediante a operação constante das funções pensar-perceber e intuir-sentir de cada um - o ‘conhecimento’ da situação real de cada indivíduo e dos outros na matriz relacional de um grupo.” (MENEGAZZO,1995,p.207)

Dessa forma, queremos acreditar que junto e em paralelo com a matriz de identidade desenvolve-se uma matriz afetiva, possibilitando níveis diferentes de expansividade afetiva para diferentes pessoas, e que irá se modificando durante o processo de seu desenvolvimento, o que da mesma forma acontece com o desenvolvimento de um processo grupal. Essa matriz afetiva se encontra de forma integrada com as outras matrizes já delineadas, formando um universo de interrelações que dão fundamento a representação dos papéis.

Como já dissemos, a expansividade afetiva dos indivíduos é, segundo Moreno :... "a energia afetiva que permite que um sujeito ‘retenha’ o afeto de outros indivíduos durante um período de tempo dado.”(MORENO, 1972, p.63) Além do que, ela é influenciadora da espontaneidade e criatividade, ajudando ou dificultando o desempenho dos papéis pertencentes a cada um desses indivíduos, o que sugere que ela está totalmente implicada na formação e funcionamento das suas identidades.

Por trás desse conceito de expansividade afetiva está a concepção de vínculo, que no psicodrama é a unidade humana, e portanto, é mais que uma relação, é uma inter-relação afetivo-perceptual. De acordo com Menegazzo, a expansividade afetiva é a energia afetiva de uma pessoa, numa determinada situação vincular e num momento específico do processo grupal. É a força de manutenção e captação que o indivíduo do grupo retém carismaticamente dos outros indivíduos de sua mesma constelação grupal por um determinado período.” (MENEGAZZO,1995,p.210)

Dessa forma não há como trabalhar com a individualidade, enquanto polo singular de uma relação, é preciso considerar-se a totalidade, não como uma simples soma de partes individuais, mas como indivíduo e sujeito, uma unidade contextual. “Tampouco o grupo humano está formado por unidades individuais; é o conjunto e a integração de cada um dos vínculos estabelecidos que palpitam dentro do mesmo grupo. Cada grupo é uma **constelação afetiva** composta por muitas unidades relacionais entretecidas umas às outras, formando como que uma rede. Falando de outro modo, assim como cada par ou díade é um átomo, cada grupo se comporta à maneira de uma **molécula de humanidade**, no interior do **tecido social** mais amplo. Essas constelações humanas se mantêm como tais precisamente porque estão em constante intercomunicação afetiva.” (MENEGAZZO, 1995, p. 217)

Para estudar o conceito de expansividade afetiva, Moreno baseou-se na tese de que a expressão quantitativa dos sentimentos de simpatia ou antipatia pode ser facilmente medida. Além disso, afirmava que um indivíduo teria sua expansividade afetiva diferente de outro, porque as pessoas dispõem sua energia afetiva mais para quem se sentem espontaneamente atraídas, influenciando diretamente a organização de seu grupo. Através de seu estudo pode-se chegar ao processo vincular social dos indivíduos e de seus grupos, e a partir dele, à possibilidade da superação dos seus conflitos existenciais, ou seja, o resgate de sua espontaneidade, que no psicodrama é o caminho da saúde.

Esta expansividade afetiva tem sua origem no início da vida, como explica o próprio Moreno: "A família é a instituição social que mais contribui para desenvolver a sociabilidade do homem e para dar forma própria a sua necessidade de expansividade afetiva. Sem dúvida, a plasticidade do bebê recém-nascido é virtualmente ilimitada, e com toda segurança é maior que a do adulto. A influência do grupo familiar se exerce, não somente sobre a qualidade dos interesses afetivos, mas também sobre sua quantidade, quer dizer, sobre sua expansividade. A família que agrupa um pequeno número de pessoas obriga o bebê a concentrar sua atenção na elaboração de um pequeno número de relações sociais que se vinculam com seus pais e irmãos. Sua sede de expansão está, desta forma, convenientemente contida e canalizada; adquire o hábito de contentar-se com um pequeno número de relações. Ao crescer, só conseguem participar de um pequeno número de relações também. De fato, o quantum de suas relações afetivas raramente está colocado acima ou abaixo dessa média. Se ele tiver novos amigos ou inimigos, deixará de interessar-se por um número igual de amigos e inimigos antigos. Presumivelmente, seu equilíbrio não poderá manter-se acima de certo limite."(MORENO, 1972, p.72)

Como já dissemos anteriormente, não se pode pensar ou estudar a pessoa separando-se as suas partes, nem tão pouco considerando-a imutável então, é preciso estudar o seu processo de desenvolvimento, onde ação,

emoção e pensamento não existem separadamente, mas articulados. O sentimento é uma informação sobre o significado das coisas para as pessoas e, seu estudo, através da expansividade afetiva, é um caminho para a investigação da consciência dos indivíduos. A investigação da tele de um grupo pode esclarecer as relações sociais existentes na sua organização. Assim como, pode diagnosticar a estruturação das relações sociais nas organizações empresariais.

4. AS INTERVENÇÕES PSICODRAMÁTICAS

4.1. A tecnologia psicodramática

Os projetos morenianos para as intervenções psicodramáticas, podem ser apresentados de forma sistematizada, como a seguir, entretanto, essas separações são apenas didáticas, pois no decorrer dos processos de intervenções, os participantes podem passar de uma forma para outra, conforme a necessidade e o momento grupal, sem que esse movimento seja inadequado.

A sociometria foi sistematizada com a finalidade de "medir a intensidade e a expansão das correntes psicológicas, que se infiltram no seio das populações, através de uma investigação metódica acerca da organização e evolução dos grupos e da posição dos indivíduos nos mesmos".(MORENO, 1990, p. 62) Fazem parte da Sociometria: o teste sociométrico, em suas diversas modalidades; o teste de expansividade afetiva, e o sociograma, que evidencia a estrutura grupal, suas congruências e incongruências, suas relações télicas e transferenciais. É dentro da sociometria que encontramos o conceito de rede sociométrica, que é uma dada organização de relações vinculares, resultante das interrelações psicossociais dos indivíduos. Estes vínculos perceptuais e afetivos são motivados pelas escolhas, espontâneas ou não, baseadas nos critérios dos indivíduos naquele momento. Assim, é possível ocorrerem vários tipos de configurações sociométricas, que são as figuras expressas pela situação pessoal de cada um e de todos os indivíduos pertencentes à rede.

A Sociodinâmica pode ser entendida como a ligação entre a Sociometria e a Sociatria e seu principal método são os jogos de Papéis (Role-playing), que é empregado na exploração dos vários vínculos grupais em que um indivíduo se encontra através de seus diversos papéis.

A Sociatria tem a finalidade de realizar tratamentos dos sistemas sociais. Fazem parte dela: a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama. Moreno afirmava que com esses métodos de tratamento, poder-se-ia atingir a cura do social mais amplo da humanidade. O sociodrama, assim como o psicodrama, é um método de intervenção e/ou tratamento das relações sociais, entretanto há algumas diferenças entre eles no que tange ao foco do trabalho com o protagonista, pois no psicodrama há um sentido estrito na investigação dos papéis do átomo cultural originário.

“Nesse sentido mais estrito, distingue-se mais minuciosamente o procedimento do psicodrama dos outros procedimentos, também dramáticos, denominados sociodrama e jogos de papel. Esta diferenciação é não apenas vital, mas necessária para assegurar maior limpeza metodológica e melhor precisão operacional. O psicodrama é um procedimento dramático **específico**

que, apesar de sustentado por conceitos teóricos diferentes, os quais convergem em uma visão antropológica vincular similar, estuda as condutas humanas entendidas como desenvolvimento de papéis (sempre em relação a seus contrapapéis ou papéis complementares). Esse procedimento visa especificamente a investigação das dificuldades os entraves ao desempenho livre, espontâneo, criativo e responsável de tais papéis.”...”O sociodrama trabalha contratualmente apenas com papéis sociais, sem remexer na fantasmática íntima; é o procedimento ideal para trabalhar clinicamente com **vínculos reais habituais** (sociodrama de casal, sociodrama de família) e com diagnóstico e prevenção institucional (sociodrama institucional).” (MENEGAZZO, 1995, p.173)

“O projeto psicodramático se contrapõe à exclusividade da individualidade como forma de ação, por isso é basicamente uma abordagem grupal, que tem seu núcleo central nas relações estabelecidas na ação dramática. O drama explicitado no contexto dramático emerge da estrutura aberta do grupo e, representa o drama originado no contexto social. O protagonista, ou seja, o emergente do grupo coloca no palco a realidade e a fantasia, para poder posteriormente discriminá-las.” A utilização das técnicas psicodramáticas possibilita aos indivíduos, que através da ação, possam ir percebendo o real concretizado, no aqui e agora do contexto dramático. Essa abertura perceptiva fornece uma ampliação de suas potencialidades de ação, entre as quais ele pode optar por uma. Assim, há um processo de escolha, subjacente à ação espontânea, o que permite um corte na repetição cega do passado. "O fundamento do psicodrama é o princípio da espontaneidade criadora, a participação desinibida de todos os membros do grupo na produção dramática e na catarse ativa".(MORENO,1974, P.38)

Apesar das diferenciações técnicas e processuais que a fundamentação teórica socionômica pretende, na prática esses procedimentos se interpõem e seguem as necessidades que o momento dramático exige. Sua realização se dá dentro de uma estrutura, que é a rigor tipicamente do psicodrama, composta por : 3 contextos, 4 etapas, 4 instrumentos e 5 técnicas básicas. Assim considera-se que, em um psicodrama os indivíduos estão inseridos em três contextos diferentes: o social, onde estão suas vinculações com a sociedade e a cultura onde vivem; o grupal, onde estão as vinculações com os outros indivíduos dos grupos a que pertencem; e, o psicodramático, onde estão as vinculações com os integrantes do sociodrama., no momento de sua existência. Desta forma, pode-se dizer que o indivíduo faz parte de uma realidade virtual (no sentido de existencial), composta pelos três contextos ao mesmo tempo.

Seu desenvolvimento se dá em quatro etapas: 1) aquecimento inespecífico, que é por onde o método se inicia, visando estabelecer o vínculo psicodramático e facilitar a emergência do protagonista. 2) aquecimento específico, que é a preparação da cena, do cenário e do clima trazido pelo protagonista para serem dramatizados, além dos personagens que serão representados pelos ego-auxiliares. 3) dramatização, que é a representação dos papéis "como se" fosse realidade, utilizando-se das técnicas básicas e alternativas, a fim de facilitar a espontaneidade, a relação télica e o encontro. 4) comentários, que é a última etapa necessária ao compartilhamento entre o grupo, das emoções e vivências, assim como, das catarses ocorridas na sessão.

Para a realização do psicodrama também são necessários quatro instrumentos básicos: o diretor, que é o psicodramatista que conduz a sessão; o ego-auxiliar, que é o papel complementar do diretor dentro do grupo; o protagonista, que é o elemento emergente espontâneo que irá representar uma cena; e, a platéia, que é o grupo com quem o protagonista irá se relacionar. Toda a movimentação do psicodrama se faz através de técnicas vivenciais de representação de papéis, das quais cinco são básicas: o duplo, o espelho, a inversão de papéis, o solilóquio e a interpolação de resistências.

4.2. Intervenções psicodramáticas em organizações empresariais

As intervenções psicodramáticas praticadas em organizações empresariais seguem as sistematizações criadas por Moreno na elaboração do Projeto Socionômico, entretanto, reforçam a necessidade de se trabalhar dentro do campo dos papéis profissionais, e não aceitar o aprofundamento das atividades para o campo dos papéis originários, pois dessa forma, estaria havendo uma invasão (ainda que solicitada pelo participante), em seu núcleo interno psicodinâmico, o que deve ser reservado para atendimentos psicoterapêuticos.

Em outras palavras, não é recomendável que se faça terapia na empresa, pois as relações de poder e de hierarquia burocrática não permitem a confidencialidade necessária e, nem sempre, respeitam o contrato afetivo de grupo.² O que é preciso é estar consciente que democracia nas organizações empresariais praticamente não existe, pois a grande maioria delas preferem o autoritarismo já que estão interessadas na velocidade dos resultados. E o psicodramatista necessita ter clareza de quais são as condições em que irá desenvolver suas ações.

É verdade que com a ênfase atualmente dada para a globalização na Economia, algumas estratégias administrativas, como a Gestão da Qualidade Total, este paradigma de ritmo e volume sofreram modificações, causando conflito de valores, o que abriu um espaço para a negociação, como rudimento de democracia. Entretanto, esse fenômeno social chamado de globalização e atualmente tão em moda, faz parte do cotidiano das pessoas e, enquanto tal é o espaço da alienação social mas também da superação dessa alienação. É nessa tensão entre a alienação e a sua superação que a intervenção psicodramática propõe-se a buscar melhoria para a qualidade de resposta no trabalho, através da melhoria na qualidade de vida do trabalhador.

As pessoas têm necessidades a serem satisfeitas, não as necessidades da sociedade de consumo, mas as suas necessidades radicais³; sem elas, as pessoas comprometem seu eixo pessoal, ficam com suas identidades comprometidas, saindo do estado que os administradores insistem em chamar de “motivação”. Essa “motivação” para as intervenções psicodramáticas se assemelham à espontaneidade criadora, que é um catalisador psicológico verdadeiro.

Nas organizações empresariais, o estado em que se encontra a espontaneidade criadora das pessoas vai interferir na representação de seus papéis profissionais, facilitando ou dificultando essas ações. Como os papéis

² Não estamos nos referindo ao trabalho de terapia do papel profissional, pois esta é outra proposta e, a nosso ver, bastante adequada ao campo profissional.

³ Necessidades radicais são designações usadas por Agnes Heller para identificar as verdadeiras necessidades humanas, aquelas relacionadas com a essência humana

profissionais são conscientes, os trabalhadores mesmo com suas identidades comprometidas, continuarão a atuar neles, levando sua vida para estados de desgaste e de stress.

Assim, para realizar uma intervenção psicodramática será necessário, utilizando-se de todo o referencial teórico psicodramático, desenvolver duas etapas principais: a pré-intervenção ou diagnóstico e, a intervenção psicodramática propriamente dita.

Na primeira etapa, serão diagnosticados o momento e a condição sócio-afetiva em que se encontra a organização empresarial dos trabalhadores participantes, quanto a três aspectos básicos: a história de sua organização (fases das matrizes); seu cotidiano organizacional (papéis e redes); e seu clima organizacional (espontaneidade e expansividade afetiva)

Na segunda etapa, serão negociados com o grupo as formas da intervenção psicodramática e suas disponibilidades organizacionais, a fim de promover o “encontro organizacional”, utilizando-se para isso os argumentos do referencial moreniano que buscam, em última instância, a saúde social. São os próprios trabalhadores organizados que vão estabelecer os critérios da intervenção, ou seja, o grupo vai “dizer” qual é sua demanda, e a intervenção psicodramática será organizada de maneira a questionar as condições do momento, as origens das necessidades grupais, as escolhas de caminhos a percorrer e os objetivos que se quer atingir.

Na verdade não há um único tipo de intervenção psicodramática, ela é uma metodologia que tem a mesma base teórica-metodológica, mas que não tem um “script” pronto, ela vai variar em sua ação pela influência da espontaneidade e da criatividade do grupo, incluindo nesse grupo os psicodramatistas. Seria mais ou menos uma construção em grupo, o que implica em vários tipos de consequências, ou vários tipos de riscos, desde não se saber onde vai dar o trabalho, até no impasse entre a ética do psicodramatista e a dos outros participantes.

Portanto, parece ser muito importante conscientizar-se de quais são os princípios éticos que envolvem as intervenções psicodramáticas, quais são suas propostas de ação e qual é sua ideologia. Nela existe a hipótese de que há a possibilidade de discutir, questionar, de criticar e de esclarecer as relações sociais dentro de uma empresa, como se faz no cotidiano fora da empresa, nos chamados grupos informais, e por conta disso desvelar as relações de exploração, que existem e que estão aí entre capital e trabalho.

5. Conclusão

Moreno, em um de seus textos, faz um convite à humanidade para que viva um acontecimento especial, que alguns podem experimentar eventual e repentinamente, mas que escapa a definições lógicas. Nele é essencial que esteja presente a relação télica, ou seja, que haja mútua disponibilidade de duas pessoas capazes de se colocarem uma no lugar da outra (capacidade de realizar a inversão de papéis). Esse acontecimento especial é o “**encontro**”, “Para que tal encontro - extremamente difícil, mas não impossível - possa acontecer, para que possa florescer a verdadeira integração do homem com os demais homens, e da humanidade consigo mesma, deverão ser superados os estereótipos técnicos, científicos e culturais, o que dará lugar, segundo Moreno, ao desenvolvimento da liberdade, da espontaneidade e da criatividade.” (MENEGAZZO, 1995, p.81)

Ao longo do tempo a humanidade valorizou apenas uma etapa do ato criador, a obra pronta e terminada. O homem receoso dos riscos que teria de correr com o processo de espontaneidade e criatividade deixou-se iludir pela automação e pelo autoritarismo. No começo, as máquinas e as conservas culturais não ameaçavam o homem, porque eram poucas e estavam sob o seu controle. Mas, com o tempo, elas fizeram o seu trabalho e até melhor que ele, e então, o homem não teve tanto controle sobre o processo industrial.

Parece que ao tentar novas formas de governo e de sociedade, o Homem tentou mudar as relações de produção e distribuição, a fim de recuperar o seu status social. Contudo, parece que ainda não conseguiu fazê-lo. Porém, o próprio Moreno adverte: "a troca de antigas conservas culturais por novas não alteram a posição do homem em sua luta com as realidades do mundo que o cerca e não pode ajudar ao desenvolvimento de uma sociedade humana de que o homem tem que ser o verdadeiro senhor."(MORENO, 1974, p.157)

Moreno faz uma proposta para esta situação: a revolução criadora: "Existe um modo, simples e claro, em que o homem pode lutar, não através de destruição, nem como parte da engrenagem social mas, como indivíduo e criador, ou como uma associação de criadores. Ele tem de encontrar uma estratégia de criação que escape à traição da conservação e à concorrência do robô. Essa estratégia é a prática do ato criador, o homem como um instrumento de criação que muda continuamente os seus produtos. Apesar da espontaneidade não ser mais nova do que a humanidade, é nela que irá se sobrepôr a transição para o refazer do próprio homem. É preciso lutar contra fantasmas: o da produção conservada. Se isso acontecer, 'a sobrevivência do mais apto', será substituída pela sobrevivência do criador. O homem terá escapado, sem abandonar coisa alguma do que a civilização da máquina produziu, para um Jardim do Éden."(MORENO, 1990, p. 157)

Seria o ato criador, característica natural humana, a possibilidade de sobrevivência. Ao recuperar a espontaneidade e a criatividade, o Homem estaria novamente diante da possibilidade da sua integração.